

## O país do bingo permanente



Gaudêncio Torquato (\*)

*O Brasil inicia 2026 como se estivesse diante de uma cartela de bingo cívico.*

**A** cada semana, uma nova bola é sorteada — e, não raro, repete-se o número que já conhecemos: crise, tensão, incerteza. O cidadão acompanha o sorteio com uma mistura de cansaço e resignação. Não se trata mais de surpresa, mas de rotina.

A polarização continua sendo o eixo estruturante da vida política. Não há debate, há trincheiras. De um lado e de outro, narrativas fechadas, impermeáveis ao diálogo. O adversário deixou de ser apenas opositor; transformou-se em inimigo moral. Nesse ambiente, a política perde densidade programática e ganha contornos de guerra simbólica. O país não discute soluções — disputa versões.

Como se não bastasse, escândalos insistem em frequentar o noticiário. O chamado "Caso Master" soma-se a uma sequência de episódios que envolvem agentes públicos, partidos e instituições. A corrupção, que deveria ser exceção, parece estrutural. Espraia-se como mancha de óleo, atingindo Executivo, Legislativo e até setores do Judiciário. A percepção social é devastadora: para muitos brasileiros, o sistema não falha — ele funciona assim.

No plano econômico, o cotidiano pesa. A gasolina orbitando a casa dos oito reais não é apenas um número; é símbolo de um custo de vida que comprime a renda e amplia o desalento. A inflação, ainda que tecnicamente sob controle em alguns indicadores, corrói silenciosamente o poder de compra. O carrinho de supermercado encolhe, o orçamento doméstico estica até o limite. E os impostos, elevados e complexos, reforçam a sensação de que o Estado cobra muito e entrega pouco.

O cenário internacional adiciona mais incerteza ao quadro. Guerras e tensões geopolíticas reconfiguram cadeias produtivas, pressionam preços e afetam mercados. O Brasil,

inserido nesse tabuleiro, sente os efeitos indiretos: volatilidade cambial, instabilidade nos custos de energia, insegurança para investimentos. Em um mundo em ebulição, a margem de erro das políticas internas diminui.

Diante desse mosaico, o eleitor brasileiro entra em um novo ciclo eleitoral mais desconfiado e, ao mesmo tempo, mais exigente. A velha lógica do voto emocional começa a ceder espaço a um comportamento mais pragmático. Saúde, segurança e economia voltam ao centro da decisão. O cidadão quer respostas concretas, não apenas discursos inflamados. Quer previsibilidade, não espetáculo.

Mas há um paradoxo. Embora mais crítico, o eleitor ainda está imerso em um ambiente informacional contaminado por desinformação, algoritmos e bolhas digitais. A chamada "telecracia" — o poder das telas e das narrativas instantâneas — molda percepções e amplifica ruídos. A verdade disputa espaço com versões, e o julgamento público torna-se cada vez mais apressado.

O Brasil de 2026 é, portanto, um país tensionado entre a descrença e a esperança. Descrença nas instituições, nos líderes, nas promessas reiteradamente descumpridas. Esperança difusa de que algo, em algum momento, rompa o ciclo. A sociedade parece dizer: "já vimos esse filme", mas continua assistindo, na expectativa de um final diferente.

O desafio maior não é apenas econômico ou político; é civilizatório. Trata-se de reconstruir confiança — ativo invisível, porém essencial. Sem ela, reformas não prosperam, pactos não se sustentam, e a democracia se fragiliza. Com ela, mesmo cenários adversos podem ser enfrentados com coesão.

Enquanto isso, o bingo segue. As bolas continuam a girar no globo transparente da vida nacional. Resta saber se, desta vez, o país terá a lucidez de não apenas marcar números, mas de mudar as regras do jogo.

(\*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político.

## O Google alerta: cuidado com os computadores quânticos

Bancos, governos e empresas de tecnologia precisam se preparar, pois até 2029 hackers munidos de computadores quânticos serão capazes de quebrar a maioria dos atuais sistemas de criptografia, alertou o Google.

Vivaldo José Breternitz (\*)

**O** alerta foi dado pela empresa através de postagem em seu blog feita no último 25 de março. No post, o Google afirmou que "a criptografia usada hoje para manter as informações seguras poderá ser facilmente quebrada por um computador quântico de grande porte nos próximos anos".

Empresas como Google, Microsoft e universidades trabalham no desenvolvimento de computadores que utilizam princípios da física quântica para realizar cálculos matemáticos sofisticados, de forma extremamente rápida para os padrões atuais.

Essas máquinas ainda são uma tecnologia incipiente, que enfrentam obstáculos consideráveis para uso em larga escala, entre outras razões por só poderem operar em condições extremas, em temperaturas próximas ao zero absoluto. Já existem protótipos, ainda não muito poderosos, mas que entusiasma os envolvidos com seu desenvolvimento.

Leonie Mueck, executiva e pesquisadora na área de física quântica, ponderou que o alerta do Google não significa necessariamente que haverá um computador quântico capaz de quebrar os atuais sistemas de criptografia já em 2029; a maioria das pro-



Photocreo\_CANVA

jeções situa esse marco entre as décadas de 2030 e 2050.

Ainda assim, governos já se preparam para o risco de que dados protegidos pelos padrões atuais fiquem expostos quando a tecnologia avançar. "A comunidade de inteligência vem considerando essa ameaça há mais de uma década", diz Mueck.

Em 2025, o Centro Nacional de Segurança Cibernética do Reino Unido recomendou que organizações blindassem seus sistemas contra ataques quânticos até 2035. O Google sugere que as empre-

sas e governos devem começar agora a migrar para sistemas de criptografia mais avançados, diante da possibilidade de ataques do tipo "armazenar agora, decifrar depois". Como alertou Mueck: "Documentos de segurança nacional de 1920 já não têm relevância. Mas informações de dez anos atrás continuam sensíveis e não podem cair em mãos erradas no futuro. É preciso criptografá-las de forma que um computador quântico, daqui a dez anos, não consiga decifrá-las."

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

## Por que o valor da IA está na orquestração de dados e não na automação

Durante algum tempo, falar sobre Inteligência Artificial (IA) nas empresas significava, quase automaticamente, falar sobre automação. A promessa parecia simples, baseada em automatizar tarefas, acelerar respostas e reduzir custos operacionais.

No entanto, à medida que a tecnologia passou a fazer parte da operação real das organizações, ficou claro que automatizar uma etapa não resolve necessariamente o problema do negócio. Em outras palavras, a tecnologia pode simplesmente acelerar a execução de um processo que já estava equivocado, reforçando o pensamento de que o verdadeiro valor da IA não está na automação em si, mas na capacidade de orquestrar dados, sistemas e decisões dentro da operação.

Esse debate ganha ainda mais relevância quando observamos o avanço da tecnologia no ambiente corporativo. Segundo projeções da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (da sigla em inglês UNCTAD), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), o mercado global de Inteligência Artificial deve saltar de cerca de US\$ 189 bilhões em 2023 para quase US\$ 4,8 trilhões até 2033.

Embora o avanço da IA seja expressivo, transformar esse potencial em resultado financeiro concreto ainda depende de maturidade operacional. De acordo com o levantamento conduzido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), renomada universidade norte-americana, 95% das organizações ainda não registram impacto mensurável nos resultados do negócio quando iniciativas de IA permanecem restritas a pilotos ou a usos paralelos ao fluxo principal de trabalho.

Embora o dado possa parecer curioso à primeira vista, ele não aponta uma limitação da tecnologia. Pelo contrário, reforça um ponto essencial. O valor da IA surge



Kaique Cirto Mafra

quando ela deixa de ser um experimento isolado e passa a operar integrada aos processos da empresa.

Quando falamos que o valor da IA está na orquestração de informações e não na automação, estamos tratando exatamente dessa lacuna. A automação executa uma tarefa isolada, enquanto a orquestração conecta dados, sistemas, regras de negócio e pessoas para que uma decisão útil aconteça dentro do fluxo operacional da organização.

Um exemplo prático ajuda a entender essa diferença. Em um projeto recente, um cliente queria aplicar Inteligência Artificial no atendimento para responder mais rápido aos consumidores. O diagnóstico inicial parecia simples. Contudo, ao analisar a operação, percebemos que a dificuldade não estava na resposta em si, mas na fragmentação da informação.

As informações de pedido, contrato, estoque, faturamento e histórico de rela-

cionamento estavam espalhadas entre sistemas diferentes. Nesse cenário, automatizar respostas significaria apenas acelerar um processo inconsistente. Como costumamos dizer nesses casos, "a empresa ficaria mais rápida para responder errado".

Com isso, o ganho real surgiu quando a operação passou a integrar dados e organizar processos. A partir desse momento, a IA deixou de operar no escuro e passou a atuar com contexto. O impacto aparece rapidamente em indicadores da operação, resultando em redução do tempo médio de atendimento, aumento da taxa de resolução no primeiro contato, mais produtividade das equipes e diminuição do retrabalho.

Casos globais reforçam esse aprendizado. A Salesforce, plataforma líder mundial de CRM (Customer Relationship Management), por exemplo, anunciou uma economia de cerca de US\$ 100 milhões ao aplicar Inteligência Artificial nas operações de atendimento. O resultado, no entanto, não veio apenas da tecnologia, mas da combinação entre dados estruturados, processos padronizados e governança clara sobre como a IA deveria atuar.

Quando essa base não existe, o efeito tende a ser o oposto. Por isso, antes de investir em IA, a pergunta mais importante não é qual ferramenta adotar, mas qual decisão do negócio precisa melhorar.

No fim, a Inteligência Artificial não substitui gestão. Ela potencializa aquilo que a empresa já é. O verdadeiro diferencial competitivo, portanto, não estará em automatizar mais tarefas, mas em orquestrar melhor dados, processos, sistemas e pessoas.

(Fonte: Kaique Cirto Mafra é CEO da Taak, empresa de tecnologia especializada em soluções Salesforce).

## News@TI

## Mobiauto celebra 1 milhão de inscritos no YouTube

@Mobiauto atingiu a marca de 1 milhão de inscritos em seu canal no YouTube, consolidando a sua relevância também na produção de conteúdo automotivo no Brasil. O resultado reflete o engajamento crescente do público e o sucesso da estratégia da empresa em levar informação de qualidade para quem deseja comprar ou vender um veículo. Ao longo de sua trajetória na plataforma, o canal já publicou mais de 2 mil vídeos, acumulou mais de 22 milhões de horas assistidas e reúne uma comunidade ativa, com mais de 500 mil pessoas interagindo regularmente com os conteúdos. Os números reforçam o compromisso da Mobiauto em oferecer análises, avaliações e orientações que auxiliem o consumidor na hora de comprar ou vender o seu carro. "Chegar a um milhão de inscritos significa que estamos entregando um conteúdo de muita qualidade e nos comunicando com as pessoas de uma maneira direta e muito franca. É um sentimento de muita satisfação e orgulho", destaca Sant Clair de Castro Jr, CEO da Mobiauto.

## Editorias

*Economia/Política:* J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioph.com.br);

*Comercial:* comercial@netjen.com.br  
*Publicidade Legal:* lilian@netjen.com.br

*Webmaster/TI:* Fabio Nader; *Edição Eletrônica:* Ricardo Souza.

*Revisão:* Maria Cecília Camargo; *Serviço Informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

## Jornal Empresas &amp; Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.